

Apontamentos acerca das referências de Freud a Schopenhauer: *Trieb* e *Wille*

Aline Brasiliense dos Santos Brito¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar e analisar as referências de Freud a Schopenhauer acerca do conceito de pulsão. Freud mantém sempre uma relação reticente com a filosofia, sobretudo, em termos de referências textuais, o que se justifica pela sua preocupação em atribuir um campo fundante para a psicanálise (ASSOUN, 1978). Apesar disso, são inúmeras as referências filosóficas. Em relação a Schopenhauer, é realizada especificamente em *Além do princípio de prazer* (1920), no que se refere ao conceito de pulsão (*Trieb*), ao qual Freud assemelha à vontade (*Wille*) schopenhaueriana e a dualidade nela presente. A vontade (*Wille*) remete à coisa-em-si kantiana, mas longe de ser uma razão transcendente, inaugura uma filosofia da imanência, onde o corpo e a sexualidade ganham relevância primordial que será novamente retomada pela psicanálise de Freud como principal campo de estudo.

PALAVRAS-CHAVE

Freud; Schopenhauer; *Trieb*; *Wille*.

¹ Professora efetiva de Filosofia na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Filosofia pela UFPA. Doutoranda em História pela UFPA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9465769496938117>. E-mail: brasiliense@ufpa.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7555-8725>.

Notes on Freud's references to Schopenhauer: *Trieb*² and *Wille*

ABSTRACT

This article aims to present and analyze Freud's references to Schopenhauer about the concept of *Trieb*. Freud always keeps the reticent relationship with philosophy, above all, in terms of texts references, what is justified for his worry in assigning psychoanalysis a founding field (ASSOUN, 1978). Although, there are numberless philosophical references. In relation to Schopenhauer, it is carried specifically in *Beyond the pleasure principle* (1920), with regard to the concept of *Trieb*, to which Freud liken the Schopenhauerian will (*Wille*) and the duality present in it. Will (*Wille*) refers to the Kantian thing-in-itself, but far from being a transcendent reason, it inaugurates a philosophy of immanence, where the body and sexuality gain primordial relevance that will be taken up again by Freud's psychoanalysis as a main field of study.

KEYWORDS

Freud; Schopenhauer; *Trieb*; *Wille*.

Recebido: 18/09/2023

Aceito: 18/09/2023

Publicado: 29/03/2024

DOI: <https://doi.org/10.59780/jqaz7727>

² Optamos pela não tradução do termo, de modo a manter sua significação tal como propunha Freud.

Considerações iniciais

Antes de adentrarmos especificamente na relação entre as referências conceituais de Freud a Schopenhauer, cabe uma breve consideração ao lugar da filosofia na elaboração de Freud.

A psicanálise, desde sua criação por Freud, mantém um diálogo com a filosofia, seja por meio de referências diretas a pontos específicos das teorias de Platão, Kant, Nietzsche, Schopenhauer, dentre outros, ou pela repercussão da psicanálise nos filósofos posteriores a Freud. Apesar de tal diálogo, Freud é sempre reticente em admiti-lo abertamente, isso porque está particularmente preocupado em consolidar a psicanálise como uma ciência nova e independente. Freud sempre distinguiu categoricamente a psicanálise da filosofia. Enquanto a primeira formula sua teoria na observação dos dados empíricos, descortinando uma ‘ciência’³ sempre em construção, sempre pronta a reformular seus conceitos ou mesmo descartá-los com base no que lhe oferecia a experiência; a segunda, conforme Freud, se baseia em uma verdadeira visão de mundo, “*Weltanschauung*”, ou seja, conceitos dotados de uma completude irrevogável que pretendem fornecer uma explicação completa do mundo:

A psicanálise não é, como as filosofias, um sistema que parta de alguns conceitos básicos nitidamente definidos, procurando apreender todo o universo com o auxílio deles, e, uma vez completo, não possui mais lugar para novas descobertas, ou uma melhor compreensão. Pelo contrário, ela se atém aos fatos de seu campo de estudo, procura resolver os problemas imediatos da observação, sonda o caminho à frente com o auxílio da experiência, acha-se sempre incompleta e sempre pronta a corrigir ou a modificar suas teorias. (FREUD, [1933] 2006b, p. 165).

Esta rejeição da visão de mundo pela psicanálise e sua atribuição como um campo diverso à filosofia “[...] encontra-se associada à recusa da intromissão dos filósofos no trabalho analítico” (ASSOUN, 1978, p. 53), uma forma de firmar a particularidade da jovem ciência, “[...] de preservar sua independência em relação a cada uma das demais regiões do saber” (ASSOUN, 1978, p. 48). Tendo tal ressalva em vista, podemos assim, partir para a referência específica a Schopenhauer.

A filosofia de Schopenhauer coloca-se como uma importante referência, conforme observam os comentadores, à qual Freud recorre constantemente. Podemos, no que diz respeito

³ Não devemos tomar o termo a rigor. Conforme já muito discutido por uma gama de outros estudos, o termo é envolto em diversas dificuldades de debates na psicanálise. Convém observar ainda o contexto científico da época em que nasce a psicanálise: trata-se da *querela dos métodos*, do surgimento das ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*), em oposição as ciências da natureza (*Naturwissenschaften*) já consagradas. Para melhor aprofundamento da questão, ver Nathalia Sisson (2010).

a tal interesse de Freud, marcar o ponto comum, digamos, onde a filosofia de Schopenhauer e a psicanálise de Freud mantêm um diálogo possivelmente comum: o campo da pulsão (*Trieb*) e da vontade (*Wille*).

Schopenhauer introduz um elemento praticamente inexistente na filosofia que lhe era anterior, o campo do *impulso*,⁴ da *Vontade* e do corpo, que atinge um novo patamar de importância. Para Schopenhauer, o mundo é, de um lado, inteiramente representação e, de outro, *Vontade* (*Wille*). De um lado, o filósofo preserva as categorias de Kant – representação e coisa-em-si –, mas, se para Kant a coisa-em-si era inconcebível, Schopenhauer a identifica categoricamente: ela é *Vontade*, um impulso cego e irracional e verdadeira essência do mundo. Como coisa-em-si, ela continua em sua incognoscibilidade, objetivando-se no mundo como fenômeno dentro das relações de tempo, espaço e causalidade, manifestando-se mais perfeitamente no Corpo, âmbito da sexualidade.

A *Vontade* no corpo se manifesta como um ‘querer-viver’, como forte impulso sexual que, para Schopenhauer, seria a ‘*Vontade*’ mesma. Assim, se, por um lado, o corpo pode ser considerado como representação, por outro, pode ser considerado como a mais legítima manifestação da *Vontade*. Esta, como impulso cego e irracional, é considerada a essência do mundo – a racionalidade viria somente depois e muito tardiamente. Temos, pois, em Schopenhauer, o primeiro destaque do âmbito da sexualidade humana, do campo dos impulsos, que mais tarde serão amplamente discutidos por Freud. Poderíamos, assim, em um primeiro momento, possivelmente pensar em uma semelhança entre a *Vontade* cega de Schopenhauer e a pulsão de Freud: ambas revelam um caráter inconsciente, irracional, atribuídos ao âmbito da sexualidade que, nos termos de Freud, será reprimido posteriormente pela cultura.

Da mesma forma, ao longo do artigo, veremos de que modo poderíamos conceber uma suposta semelhança entre a dualidade pulsional na psicanálise de Freud (pulsão de vida e morte) e a *Vontade* em Schopenhauer, já que este considera-a ‘una’ e indivisível.

A vontade em Schopenhauer

Schopenhauer é sempre apresentado como uma ‘referência mediatizadora’, conforme comenta Paul-Laurent Assoun (1978), entre Freud e Kant.⁵ A filosofia de Schopenhauer atribui

⁴ Eduardo Fonseca (2009) propõe, como opção de tradução ao instinto e pulsão, a categoria do *Impulso*, que abarcaria o mesmo sentido de força motriz, *que impele*.

⁵ O acesso ao pensamento kantiano é sempre realizado por Freud via leitura de Schopenhauer (ASSOUN, 1978).

ao conceito de Vontade o fundamento, a essência do mundo. O mundo é, de um lado, representação e, de outro, Vontade, ímpeto cego e irracional, enraizado no corpo e de clara referência à sexualidade. Este caráter da Vontade, tal como concebido por Schopenhauer,⁶ pode ser comparado ao caráter inconsciente da pulsão em Freud e à dimensão sexual nela envolvida.

No Apêndice *Crítica da filosofia kantiana*, Schopenhauer, na parte inicial de seu escrito, segue elogiando Kant, sobretudo quanto à distinção feita por este entre fenômeno e coisa-em-si: “O MAIOR MÉRITO DE KANT É A DISTINÇÃO ENTRE FENÔMENO E COISA-EM-SI” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 526 [MVR I 494]). Isto porque tais categorias são mantidas em sua filosofia, agora, como representação e vontade. O mundo como representação está como que ‘coberto’ pelo véu da aparência, pelo ‘véu de maia’ (2005, p. 55-62 [§ 5]), a esconder sua essência, a vontade. O mundo é assim, “[...] de um lado, inteiramente REPRESENTAÇÃO, [...] de outro, inteiramente VONTADE” (2005, p. 45 [§ 1]). Mas se a vontade é essa coisa-em-si do mundo, como teríamos acesso a sua percepção? Para Schopenhauer, a vontade manifesta-se no mundo fenomênico como tal, não em si mesma, mas dentro das relações deste, ou seja, nas formas do espaço, tempo e causalidade.

Voltando sua filosofia para a imanência, Schopenhauer não concebe uma vontade de ordem transcendente, mas, pelo contrário, como princípio e fundamento do mundo, de tal forma que tudo derivaria da vontade. A Vontade objetiva-se no mundo, e não fora dele, em uma escala de graus diversos que Schopenhauer denomina como *ideia*: “entendo, pois, como ideia, cada fixo e determinado GRAU DE OBJETIVAÇÃO DA VONTADE, na medida em que esta é coisa-em-si e, portanto, alheia à pluralidade” (2005, p. 191 [§ 25]). Tais ideias manifestam-se no mundo inorgânico até atingirem as demais variações do mundo orgânico – microrganismos, plantas, animais e, por fim, o homem. Convém observar que esta imanência da Vontade também é derivada das influências científicas presentes na formação de Schopenhauer. O próprio conceito foi concebido no período dos estudos na faculdade de medicina de Göttingen, que segue de 1809-1814 (PRADO, 2015, p. 51). A discussão de que a especulação filosófica poderia ser inserida junto ao debate filosófico causava certa repercussão no período. No caso de Schopenhauer, a ideia foi encorajada pelo famoso professor de anatomia e fisiologia Johann Friedrich Blumenbach.⁷

⁶ Vamos concordar com Günter Götde (1999), que situa a concepção de Schopenhauer como precursora de uma tradição de um inconsciente da pulsão-irracional (*Denktradition des triebhaft-irrationalen*).

⁷ A importância acadêmica do professor é crucial para o pensamento filosófico no período. Johann Friedrich Blumenbach também foi aluno de uma importante naturalista, Geórgia Augusta (1772) e se “[...] tornou professor de história natural, mineralogia, fisiologia e anatomia comparada na faculdade de medicina da mesma instituição (1778), sendo professor de Schopenhauer neste curso entre os anos de 1809-1811. Sua presença foi crucial para o

A Vontade é ‘ímpeto cego’ e irracional sem finalidade alguma e, neste sentido, conforme coloca Maria Cacciola, “[...] não se pode ver aí a correspondência entre Vontade e uma espécie de pulsão?” (1995, p. 55). No mundo inorgânico, esta Vontade manifesta-se como forças da natureza a serem desvendadas pela física e pela química (2005, p. 202-18 [§ 27]), como ocorre, por exemplo, na força gravitacional. No mundo orgânico, sua mais elevada objetivação se dá no homem, que desenvolve, além da capacidade do entendimento – ligado ao conhecimento intuitivo –, a faculdade da razão, ou seja, da abstração dos conceitos. Schopenhauer, neste sentido, emprega uma crítica ao conhecimento racional: a razão e os conceitos surgem como mera configuração volitiva, e muito mais tardiamente que esta:

O conhecimento em geral, quer simplesmente intuitivo quer racional, provém portanto originariamente da vontade e pertence à essência dos graus mais elevados de sua objetivação, como [...] um meio para conservação do indivíduo e da espécie como qualquer órgão do corpo. Por conseguinte, originariamente a serviço da vontade para realização de seus fins, o conhecimento permanece-lhe quase sempre servil, em todos os animais e em quase todos os homens. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 217-8, [§ 27]).

É esta Vontade, como elemento inconsciente que estaria anteposto à razão e da qual ela depende, que guarda perfeita concordância com a concepção de surgimento da consciência enunciada por Freud em *Além do princípio de prazer*. O que é preponderante, tanto em Schopenhauer quanto na psicanálise, é a concepção de que parte do psiquismo racional é, em termos genealógicos, sempre posterior à atividade inconsciente em todos os seus âmbitos de manifestações.

Vontade: vida, sexualidade e morte

A filosofia de Schopenhauer é baseada na imanência: “nossa filosofia afirmará aqui a mesma IMANÊNCIA afirmada em tudo o que antes foi discutido” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 355 [§ 53]). A Vontade, pois, manifesta-se no mundo, neste mundo, em seus mais variados graus. Muito embora Schopenhauer a conceba como ‘una’, ela necessariamente, quando objetivada, se multiplica, se ‘parte’, estabelecendo, assim, a discórdia consigo mesma:

desenvolvimento da universidade como polo de pesquisas científicas e “um ambiente cultural que poderia competir com as instituições acadêmicas que Schopenhauer tinha conhecido em Paris e Londres”. Denominado “*magister Germaniae*”, Blumenbach foi um professor capaz de instigar as reflexões mais profundas em seus alunos e contribuir de forma ativa com outros pesquisadores. O carisma de Blumenbach aumentou consideravelmente sua fama e o poder de influência de seu pensamento sobre a comunidade de estudantes de Göttingen.” (PRADO, 2015, p. 54).

Ao se introduzir a discórdia no interior da vontade, quebra-se a sua unidade fundamental. E a necessidade de tal partição vem do fato de que a Vontade se objetiva num Mundo. Portanto, ao se desfazer a unidade originária, torna-se manifesto este caráter de discórdia. (CACCIOLA, 1995, p. 61).

Em sua objetivação, a Vontade manifesta-se como um *querer-viver*, mais perfeitamente no corpo – de um lado, ele é considerado como representação, de outro, como Vontade –, no mundo intuitivo. É assim que comenta, em sua crítica a Kant na *Crítica da filosofia kantiana*, quanto à separação entre conceito e intuição: “[...] objetos existem primariamente apenas para a intuição, e conceitos são sempre abstrações dessa intuição, [...] o pensamento abstrato tem de orientar-se exatamente segundo o mundo encontrado na intuição” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 562 [I 531]). Ou seja, a filosofia de Schopenhauer procura seu fundamento no mundo da experiência, e é neste sentido que o estatuto do corpo ganha sua importância: “[...] o corpo é esse ponto certo para o qual convergem coisa-em-si e fenômeno” (FONSECA, 2009, p. 161).

O corpo implica diretamente o campo da sexualidade, pelo fato de ser o âmbito que mais fielmente corresponde a uma afirmação da vida: “o impulso sexual também se confirma como a mais decidida e forte afirmação da vida pelo fato de, para o homem natural, como para o animal, ele ser o fim último, o objetivo supremo de sua vida” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 423 [§ 60]).⁸ É assim que o foco da Vontade passa a ser atribuído aos órgãos genitais. A Vontade é este “ímpeto tempestuoso e obscuro do querer (indicado pelo polo dos órgãos genitais, como seu foco)” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 275, III, §39), indicando definitivamente a inscrição da Vontade no âmbito da sexualidade, como mais tarde observará Freud com relação ao conceito de pulsão.

A natureza da Vontade é, assim, propriamente, esse ‘querer viver’. Contudo, este inevitavelmente se extingue com a morte, condição inerente de toda vida. Nos termos da filosofia de Schopenhauer, a morte nunca deixa de coexistir no organismo vivo. As ideias que se objetivam em um nível mais superior lutam incessantemente com outras de nível inferior; a que sai deste conflito vitoriosa renuncia a seu fenômeno inferior, mas nunca o elimina completamente, ao contrário, ela apenas o domina, e precisa empregar uma força constante, para manter-se no ‘poder’: “[...] se trata de uma ideia mais elevada que submeteu as outras através de ASSIMILAÇÃO POR DOMINAÇÃO” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 210 [§ 27]). Assim, em determinado momento da existência, as forças inferiores – que sempre coexistem com as

⁸ Fonseca nos aponta o fato de o impulso sexual ser esse liame que permitiria a passagem da vontade para o âmbito da representação. Desse modo, Schopenhauer “vê na Vontade de viver e no desejo sexual que a expressa a possibilidade de estabelecer uma passagem da Vontade para a Representação” (2016, p. 85).

superiores-acabam por apoderar-se do organismo, pois que elas têm ‘um direito prévio a matéria’:

Daí em geral o fardo da vida física, a necessidade do sono e, por fim, a morte; pois, finalmente, por circunstâncias favoráveis, as forças naturais subjugadas reconquistam a matéria que lhes foi arrebatada pelo organismo, agora cansado até mesmo pelas constantes vitórias, e alcançam sem obstáculos a exposição de sua natureza. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 210 [§ 27]).

Mas a morte põe fim na vida individual sem que, contudo, a vontade mesma finde. Esta última como a essência, como ímpeto sempre presente, continuará a manifestar-se no mundo em um ciclo interminável. A morte pertence, pois, ao fenômeno da vida – individual –, mas não se aplica à Vontade – que é o mesmo que ‘vontade de vida’ – enquanto coisa-em-si: “nascimento e morte pertencem exclusivamente ao fenômeno da Vontade, logo à vida, à qual é essencial expor-se em indivíduos, os quais nascem e perecem” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 358 [§ 54]). O ciclo da Vontade não é afetado pela finitude empírica, tão somente válida em termos fenomênicos: estamos diante de um *eterno retorno do mesmo*, mais tarde pensado por Nietzsche.

Freud e Schopenhauer

Expostos, brevemente, os pontos mais elementares da filosofia de Schopenhauer essenciais a nossa discussão, cabe agora situar a referência de Freud ao filósofo. Primeiramente, cabe ressaltar em que momento e como Freud tem acesso à leitura de Schopenhauer.

Sabe-se da constante recusa de Freud no que diz respeito ao reconhecimento das leituras filosóficas e, da mesma maneira, de suas reservas para com a filosofia. Com Schopenhauer a situação não ocorre de maneira diversa:

o alto grau em que a psicanálise coincide com a filosofia de Schopenhauer – ele não somente afirma o domínio das emoções e a suprema importância da sexualidade, mas também estava até mesmo cômico do mecanismo da repressão – não deve ser remetida à minha familiaridade com seus ensinamentos. Li Schopenhauer muito tarde em minha vida. (FREUD, [1925] 1995, p. 38).

Apesar da afirmação de Freud, deste contato tardio com a obra de Schopenhauer, se nos voltarmos para algumas referências dos historiadores acerca do contexto histórico e intelectual em que se encontrava Freud, podemos constatar a presença, de modo geral, de discussões muito recorrentes a respeito da filosofia de Schopenhauer. Os próprios mestres de Freud atestam tal

evidência, como é o caso de Meynert, muito versado em Kant e Schopenhauer. A filosofia de Schopenhauer era particularmente interessante para estes pensadores, pois aliava a especulação às descobertas científicas que, já naquela época, presenciara Schopenhauer: é o que atesta, pois, seu conceito de Vontade como impulso, onde estão contidos certos pressupostos biológicos – o impulso como ‘enraizado’ no corpo. Neste sentido, a filosofia de Schopenhauer “[...] apresenta a dupla vantagem de conservar o kantismo como ponto de vista geral e de investir suas aquisições em proveito de uma concepção organicista, apoiada nos dados científicos ou por eles reinfundível (*réinfusable*)” (ASSOUN, 1978, p. 204).

Mas, além deste contexto intelectual da época, podemos situar particularmente, o momento em que Freud estabeleceu contato com a filosofia de Schopenhauer – além de Nietzsche e Wagner. Trata-se das reuniões realizadas por estudantes que se autodenominaram “Associação dos Estudantes Alemães de Viena”, e que Freud frequentou durante os anos de 1873 e 1878:

[a]s atividades do clube, em geral pouco consideradas pelos biógrafos de Freud, hoje podem ser conhecidas graças ao trabalho de William McGrath. Os principais autores debatidos pelo Clube eram Schopenhauer, cujas obras na virada do século alcançaram a marca de 180 mil exemplares vendidos, o jovem e schopenhaueriano Nietzsche e Richard Wagner (Zentner, 1995, p. XI). Além das atividades culturais do Clube de Leitura, Zentner discute a obra de Theodor Meynert, que, apoiado em Schopenhauer, projetara um modelo dualista da psique. Como se sabe, Meynert foi professor de Freud. (NEVES, 2002, p. 463).

Realizadas estas breves considerações no que diz respeito ao contexto da leitura de Freud a Schopenhauer, passemos agora, mais particularmente, ao texto de *Além do princípio de prazer* (1920), no qual a filosofia de Schopenhauer é citada em um momento muito preciso da elaboração freudiana: trata-se do complexo conceito de *pulsão de morte* enunciada pela primeira vez neste texto. Após vários capítulos de teorização, onde já fora enunciada a compulsão à repetição, característica das pulsões em reestabelecer um estado anterior, Freud menciona Schopenhauer, depois de já ter recorrido a referências dentro do campo literário – neste caso, Goethe – e, em seguida, ao campo da biologia e da fisiologia, o que não seria por acaso, conforme afirma Assoun:

[t]endo partido de uma intuição poética (1), passado pela tese poético-científica (2), Freud recorreu a um nível científico (3), com Weissmann; esta tese é restringida pelo recurso aos fatos (4) permitindo o acesso a outra teoria científica, com Hering (5); e é aí que intervém a referência a Schopenhauer (6), que tem por efeito notável encerrar a cascata de referências. Temos aí o indício de que chegamos a um termo, e que Freud pode enfim, retomar a palavra em seu nome, o que efetivamente faz. A referência metafísica fixa, com efeito, a hipótese metapsicológica elevando-a ao nível teórico procurado. (ASSOUN, 1978, p. 187).

Com efeito, é o próprio Freud que afirma, em suas *Novas conferências* (1933), não haver nada de embaraçoso em que “[...] um pensador ousado não teria adivinhado o que depois é confirmado pela sóbria e laboriosa pesquisa de detalhes” (FREUD, 2006b, p. 258). De fato, Schopenhauer é uma referência constante nos trabalhos de Freud. Pela breve apresentação e análise de alguns pontos já realizados aqui, pode-se compreender a constância de tal referência, seu nível de similaridade com o projeto freudiano. Mas é ao texto de 1920, *Além do princípio de prazer*, que devemos ainda retornar para firmar mais completamente essa compreensão.

Em *Além do princípio de prazer*, Freud enuncia a pulsão de morte ao lado de outro grupo de pulsões, as sexuais, que procuram reestabelecer um estado anterior, a saber, o inorgânico, a que originariamente se encontrava toda a matéria viva. A pulsão de morte visa estabelecer tal estado, mas não de qualquer forma: não é algo externo que deve ser o caminho para se chegar ao inorgânico – embora fosse um meio bem mais simples e rápido –, mas interno, ou seja, são forças internas ao próprio organismo que impelem à morte deste, como restauração de um antigo estado originário. Paralelamente, a esta tendência, estão as pulsões sexuais, Eros, que tende à vida e à unificação a uma unidade sempre maior, a agregar sempre o mais que possível a substância viva. Esta concepção é de todo semelhante, mantendo uma aproximação ao pensamento de Schopenhauer, para quem, conforme já fora colocado, a Vontade é uma vontade de vida, um *querer-viver*, à qual se subscreve o âmbito da sexualidade. Da mesma maneira, a morte, presente internamente no organismo, põe fim à vida restaurando o estado inanimado da matéria (se lembramos dos graus de objetivação da Vontade, os graus inferiores estão sempre presente no interior do organismo, sempre prontos a reconquistá-lo, posto que possuem ‘direito’ anterior à matéria), ainda que a morte sempre seja entendida como a morte do indivíduo, parte necessária da vida que se mantém como uma unidade maior na Vontade, que sempre tem em mira a espécie e o indivíduo – este sim está submetido à morte, ao perecimento. Ter-se-ia, assim, a aproximação com a filosofia de Schopenhauer que Freud assinala:

Segundo E. Hering, há duas espécies de processos opostos que se encontram constantemente em ação na substância viva: um construtivo ou assimilatório e o outro demolidor ou dissimilatório. Devemos ousar identificar nessas duas orientações dos processos vitais as nossas duas moções pulsionais, as pulsões de vida e as pulsões de morte? Mas há outra coisa que não podemos ignorar: sem percebermos, aportamos na filosofia de Schopenhauer, para quem a morte seria “o resultado propriamente dito” da vida e, neste sentido, sua finalidade, enquanto a pulsão sexual seria a encarnação da vontade de viver. (FREUD, 2006a, p. 171).

Mas isto nos leva, mais propriamente, ao domínio do conceito de pulsão. Haveria, pois, uma pulsão (*Trieb*) em Schopenhauer? O viés para se pensar tal questão pode ter sua chave no conceito de Vontade em Schopenhauer, conforme visto, um ‘ímpeto cego’, um impulso irracional – que Cacciola já mencionara como a porta de entrada para se pensar o conceito de pulsão – e sempre presente, sempre insatisfeito. A Vontade, pois, “[...] sempre se esforça, porque o esforço é sempre sua essência, ao qual nenhum fim alcançado põe um término, pelo que ela não é capaz de nenhuma satisfação final” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 398 [§ 56]). De maneira similar, a pulsão é dita, n’*As pulsões e seus destinos* (1915), como aquela que “[...] jamais atua como *força momentânea de impacto*, mas sempre como uma *força constante*”, sempre em busca de satisfação (FREUD, 2013a, p. 30). Da mesma maneira, no discurso freudiano, sobretudo nos *Três ensaios sobre sexualidade*, a pulsão se inscreve no âmbito da sexualidade, onde desvincula a ideia desta da função meramente biológica de reprodução. E, neste aspecto, a Vontade schopenhaueriana também traz em sua gênese a sexualidade, enunciada explicitamente em sua filosofia tanto n’*O mundo como vontade e representação*, como n’*A metafísica do amor*, onde as escolhas dos amantes estão motivadas pela motivação inconsciente da sexualidade, o que não escapa à percepção de Freud:

[j]á faz um bom tempo que o filósofo Arthur Schopenhauer mostrou aos homens em que medida seus feitos e interesses são determinados por aspirações sexuais – o sentido corriqueiro da expressão –, e parece incrível que todo um mundo de leitores tenha conseguido banir de sua mente, de maneira tão completa, uma advertência tão impressionante! (FREUD, [1905] 2006c, p. 84).

Esse ‘banimento’ do psiquismo de certos impulsos, como o sexual, é mais um dos elementos sugeridos por Schopenhauer, que em Freud será elaborado como o conceito de repressão, um ponto de aproximação entre os dois autores:

[a] partir da noção de repressão revela-se todo um campo comum entre os autores, que envolve o problema do desconhecimento humano acerca da natureza do psiquismo. Para superar a dificuldade de investigar racionalmente algo que não segue as leis da consciência – e, portanto, desorienta o investigador –, ambos usam como bússola o corpo e seus impulsos conscientes, que são surpreendidos em ato, nos interstícios da racionalidade. (FONSECA, 2016, p. 136).

Mas, ainda que dada tal relação entre tais autores, faz-se necessário guardar a distinção necessária a cada um. Ainda que Schopenhauer possa antecipar alguns dos conceitos essenciais à psicanálise, esta se inscreve como um novo saber que se volta essencialmente para a subjetividade humana. Conforme Cacciola, cabe estabelecer a diferença entre os dois discursos: “[o] de Schopenhauer é o de uma filosofia que pretende desvendar a verdade cosmológica e

existencial. O de Freud volta-se para o mundo humano e suas relações, dominado pela preocupação terapêutico-científica” (CACCIOLA, 1995, p. 63). Ainda que o psiquismo seja investigado pela filosofia de Schopenhauer, seu projeto não culmina para tal fim: é nesta ressalva que precisamos fazer aterem-se as relações e similitudes com a psicanálise de Freud.

Considerações finais

Ao longo desta breve análise acerca de alguns pontos da filosofia de Schopenhauer, apresentamos um campo de debate entre a filosofia de Schopenhauer e a psicanálise de Freud, sobretudo no que diz respeito ao âmbito dos conceitos de pulsão (*Trieb*) e Vontade (*Wille*).

Vimos que na Vontade (*Wille*) schopenhaueriana podemos encontrar esta possível aproximação, na medida em que ela é dotada deste caráter cego e irracional, justamente pela sua inscrição no âmbito da sexualidade. A Vontade se objetiva mais perfeitamente no corpo – neste reside sua inscrição na sexualidade, conforme já destacado ao longo do texto – como sede de múltiplos impulsos. Assim, se, de um lado, o corpo é entendido como representação, de outro lado, é considerado inteiramente como a coisa-em-si, como Vontade. Com efeito, a filosofia de Schopenhauer é a primeira a conceder tal estatuto ao corpo e à sexualidade, agora, pontos centrais de sua filosofia, fato que não poderia passar despercebido para Freud. Já vimos como este destaca tal particularidade da filosofia de Schopenhauer: antes de Freud, já um filósofo havia falado da sexualidade como algo primeiro e fator dominante, ainda que inconscientemente na vida humana.

Notamos, assim, a aproximação entre o conceito de pulsão na psicanálise, tal como concebido por Freud, como aquela que carrega consigo aquele caráter ‘irracional’, inconsciente, que não conhece as imposições colocadas pela cultura, e que constantemente estão em conflito com ela, e o da Vontade em Schopenhauer. Da mesma maneira, ainda que dada a unidade da Vontade pensada por Schopenhauer, podemos compreender a possibilidade de uma aproximação ao dualismo pulsional tal como elaborado por Freud, entre pulsão de vida e de morte (já que Schopenhauer também concebe a Vontade como um ‘querer-viver’, como vontade de vida, mas que sempre tende também para a morte). Assim, toda a vida, inevitavelmente culmina em morte, num ciclo interminável. No entanto, a morte conforme concebida por Schopenhauer, é sempre uma ‘etapa’ recorrente e sempre presente na Vontade, que em si mesma é sempre vontade de vida – quem morre é o indivíduo, de modo que a vontade de vida permanece porque diz respeito à espécie; a vida perpetua-se na espécie.

Assim, de modo geral, temos que a filosofia de Schopenhauer coloca-se como uma das referências recorrentes e que parece desempenhar determinada importância no leque de referências de Freud à filosofia. Schopenhauer, pela importância, pelo destaque que concede ao corpo, à Vontade como esse impulso cego, irracional, por detrás das motivações conscientes, demonstra ser um autor a quem Freud recorre para ‘reforçar’, para ressaltar e mesmo justificar certos pontos da psicanálise, no caso, o conceito de pulsão – do mesmo modo, a dualidade pulsional – e a dimensão da sexualidade envolvida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOUN, P. *Freud: a filosofia e os filósofos*. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

CACCIOLA, M. A vontade e a pulsão em Schopenhauer. In: LIMA, A. (Org.). *As pulsões*. São Paulo: Escuta/EDUC, 1995.

FONSECA, E. *Psiquismo e vida: o conceito de impulso nas obras de Freud, Schopenhauer e Nietzsche*. 2009. 280 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. <https://doi.org/10.11606/T.8.2010.tde-28042010-120532>.

FONSECA, E. *Uma estreita passagem: o conceito de corpo nas obras de Schopenhauer e Freud*. Curitiba: Editora UFPR, 2016.

FREUD, S. *Além do princípio de prazer* (1920). Trad. James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 2006a. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud)

FREUD, S. *As pulsões e seus destinos* (1915). Trad. Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2013a.

FREUD, S. *Novas conferências introdutórias à psicanálise* (1933). Trad. James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 2006b. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud)

FREUD, S. *O mal-estar na cultura* (1930). São Paulo: Companhia das Letras, 2013b.

FREUD, S. *Três ensaios sobre sexualidade* (1905). Trad. James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 2006c. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud)

FREUD, S. *Um estudo autobiográfico* (1925). Trad. James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1995. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud)

GÖDDE, G. *Traditionslinie des “Unbewussten”*: Schopenhauer, Nietzsche, Freud. Tübingen: Diskord, 1999.

MOURA, A. (Org.). *As pulsões*. São Paulo: Escuta, 1995.

NEVES, A.; NEVES, R. Freud e o esquecimento de Schopenhauer em *Die Flucht ins Vergessen*, de Marcel Zentner. In: *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 15, n. 2, p. 461-4, 2002. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722002000200022>.

PRADO, J. Metafísica e ciência: A vontade e a analogia em Schopenhauer. In: *Voluntas*, v. 6, n. 1, p. 44-84, 2015, <https://doi.org/10.5902/2179378633804>.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo: UNESP, 2005.

SISSON, N. A ciência de Freud: introdução ao problema da cientificidade na psicanálise. In: *Fractal*, v. 22, n. 1, jan./abr. 2010. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922010000100006>.